S BRAGA - D - 53 5

A PATRIA

31 DE JANEIRO

1891-1895

BIBLIOTECA PUBLICA BRAGA

Cantarei. . . . . sem que me reprendam
de contar cousa fabulosa ou nova:
. . . . . porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
a fazer feitos grandes d'alta prova!

CAMÕES—C. VI. E. XLII—LUSIADAS.

HA DATAS na historia da humanidade, que o decorrer dos tempos aviva cada vez mais na memoria dos povos.

O 31 de Janeiro de 1891 é o dia inolvidavel d'uma d'essas datas assignaladas.

Foi então para Portugal o inicio d'um alvorecer auspicioso, que a mão fatidica da desventura não deixára chegar a uma alvorada magestosa.

Não podia comtudo deixar de ser assim; e nos LUSIADAS de CAMÕES, no Cant. I. Est. VI, vaticinada achamos a tristissima causal do desastre:

. . . . . o *capitão* seguramente
se fia da infiel e falsa gente.

Mas nem perderam então os republicanos as esperanças galvanisantes do seu *moto social*, nem desde então atégora as tem perdido n'um apice ainda.

Ao contrario: são-lhes mais vivas, mais calorosas, mais incentivas as esperanças da renovação d'outro dia d'aspirações eguaes; por isso que os despotismos, os desvarios, as illegalidades, e as torpezas de monarchistas desvairados estão apressando esse dia solemnissimo de desespêro popular.

Não são os republicanos que trabalham para isso, nem ao escuro das trevas, nem á claridade do dia.

Não são: estão ao contrario muito socegados e tranquillos, como os monarchistas illegalitarios —em sonhos phantasticos d'um nephelibatismo incrivel—estão julgando-se firmes e seguros nas cadeiras do podêr embalados nas dobras d'um manto realesco:

. . . . . colhendo doce fruito
n'aquelle engano d'alma ledo e cego,
que a fortuna não deixa durar muito.

Desastrosa, e muito desastrosa, foi a data sobremodo fatidica do terremoto assombroso do dia 1 de Novembro de 1755.

Mas essa data fatidica deu em resultado o renascimento da cidade rainha do Tejo, refulgente como o sol da primavera, e donairosa como a belleza deslumbrante e a formosura galharda.

No terremoto desastroso, lamentavam os corações condoidos os montões de ruinas, os escombros salpicados de sangue, e os cadavéres por entre ellas e elles em abandono lacrymoso.

Depois do inicio infeliz do alvorecer da republica no Porto—suffocada embora mas não aniquilada—tambem os corações condoidos lamentaram do imo do coração, e ainda hoje continuam sem treguas, muitos dos infelizes *guitados* na cidade rainha do Douro, a quem a desventura da sorte arrojára infrene para os certões africanos, e de quem podêmos dizer com o CAMÕES nos LUSIADAS, Cant. IV. Et. LXV:

lá morreram em fim, e lá ficaram,
que á desejada patria não tornaram!

¿Que resta agora aos republicanos que vêr, tendo-se visto o *renascimento* de Lisboa depois dos estragos do terremoto?

No mesmo Cant. IV, e na Est. I, achará sem duvida muita *gente boa* a *resposta* á *pergunta*:

depois de procellosa tempestade,
nocturna sombra e sibilante vento,
traz a manhan serena claridade,
esperança do porto e salvamento!

A Redacção.

O 31 DE JANEIRO

(FRAGMENTOS D'UM DRAMA)

O SOL DE JANEIRO, um sol empanado de nuvens presenceou o facto. A rua de Santo Antonio foi o tablado onde se representou a tragedia. Tragedia sangrenta, drama sublime, mas... cheio de lagrimas e empapado de sangue.

* * *

Enxameiam soldados, rufam tambores, faiscam baionetas á luz do sol, ouvem-se marchas guerreiras. Clarins harmoniosos soltam ao vento as suas notas vibrantes, agudas como chuços e eloquentes como um poema patriotico.

E' a symphonia de abertura.

* * *

Sobe o panno. No palco, dous exercitos aguerridos medem-se com a vista; vão disputar os louros da victoria. Um representa a monarchia, o absolutismo, a realeza: o outro—a Republica, a democracia, a alma nacional, a vontade do povo, olympica, luminosa, soberana.

Qual dos dous vencerá?... Vejamos. Assestemos o binoculo.

* * *

Começa a desenrolar-se o drama. O exercito do rei, cobarde como a traição e sinistro como uma emboscada, esconde-se na sombra; os antemuros d'uma egreja servem-lhe de broquel. O exercito do povo, ousado como a coragem e sublime como a lealdade, caminha rua acima, de peito descoberto, bello, imponente, magestoso. Perde-o a temeridade. A *serpente* já forma o salto. Ouve-se o assobio da sua lingua tripartida.

* * *

Trava-se a batalha. Chovem as balas, relincham os cavallos, retroa a artilheria. E' um espectaculo medonho, uma lucta gigantea, do pequeno contra o grande, do fraco contra o forte, do povo contra.... *o feudalismo*.

Coragem, irmãos! Ávante, soldados da liberdade!

* * *

Recuam..... maldição!... A cobardia dos *guitas* venceu a lealdade dos *bons*. Tripudia o crime, assanha-se a vileza, enthronisa-se a vingança. Lobos famintos devoram cordeiros impollutos; patas de cavallos estoiram peitos generosos. No ar ha fumo de polvora, no chão ha sangue de martyres.

As gargalhadas dos impios são o hymno d'esta victoria deshonrosa; os gemidos dos vencidos — o anathema d'este sacrilegio hediondo, o *dies irae* d'esta hecatombe sinistra!!

.....

Pobres martyres, que dormis á sombra dos cyprestes de Agramonte, descançai em paz, que o dia do triumpho não vem longe! O vosso sangue, derramado em prol da **Liberdade**, está a pedir vingança! Descançai!...

Braga, 30 de Janeiro de 1895.

Eugenio Cruz.

SONHO...

Quem te não ama, feliz aurora
Sonho fagueiro sempre a sorrir?
Esta saudade que me devora
Ha de meu peito sempre sentir!

Quem teus alvores, dia feliz,
Já não recorda, já esqueceu?
Nenhum de *nós* de certo quiz
Que não voltasses, enlevo meu!

C. Braga.

QUATRO ANNOS DEPOIS

31 DE JANEIRO DE 1891, as tropas da guarnição do Porto, cançadas, em seu sentimento patriotico, dos ultrages cuspidos sobre a bandeira nacional pelos sinistros alliados da casa de Bragança; e revoltadas com a torpe subserviencia dos governos portuguezes, extrahidos de todas as facções da monarchia, perante as exigencias d'esses mesmos alliados; em nome dos sagrados interesses da patria á qual haviam prestado o seu juramento de fidelidade, sahiram resolutamente dos quarteis a fim de effectuarem a proclamação da Republica.

O equivoco deploravel de uns, a traição miseravel de outros, fez com que esse primeiro tentamento de republicanisação do Estado fosse vencido, a insurreição soffocada, os combatentes dispersos, exilados, encarcerados, arremessados para o degredo, como faccinoras, elles que todavia foram os unicos a protestar pela honra collectiva em frente de torpezas de cima!

Volvidos quatro annos, o que faz o partido republicano?

Em commemoração do nobre feito, eis o que estamos resolvidos a fazer: prozas, versos, discursos, girandolas de rhetorica.

E todavia não é assim que, na praxe, se prestam honras fúnebres aos soldados mortos...

Quando soarão as descargas?...

Heliodoro Salgado.

AFFIRMAÇÕES

ERRAM ou mentem os que affirmam que o dia 31 de Janeiro de 1891 se diluiu na historia, como uma nuvem negra percursora de desgraça. Erram. Mentem. As paixões passam, a verdade indiscutivel do direito subsiste.

Não ha duvida. Era commodo, effectivamente; era, indiscutivelmente, um pensamento superior alevantar a muralha do Odio, diante da idea esmagada dos vencidos; matar, do mesmo tiro, o crente e a crença; trespassar, com a mesma espada, a Republica e o republicano! Que futuro de repouso tranquillo e sereno, barriga cheia, coração na lama, corôa na fronte; que futuro beatifico para os homens da Ordem feita despotismo, sem um remorso na consciencia—porque a não têem; sem uma mancha na honra,—porque a venderam!

Pois erram. Pois mentem. Na aniquilação do patriotismo, tornado palavra archaica, de sentido vasio; entre os gritos da orgia, na feira que vae acabar; quando o paiz moral cae em pedaços, n'uma agonia unica, horrivel, porque não tem um grito; quando a coragem portugueza, que era suprema, se fez esta cobardia nacional, que é inexprimivel; quando vamos morrer, não com uma homenagem de preito do mundo, mas com um olhar de despreso das gentes — só uma data, n'este ultimo quartel de seculo, ha de figurar luminosa na historia internacional, como derradeiro lampejo de valor, de civismo, de dedicação, de abnegação, de desespero, de martyrio e de gloria: 31 de Janeiro de 1891.

Alguma cousa estremece nos nossos corações profundamente enfraquecidos, quando proferimos a palavra santa! Alguma cousa que se partiu no nosso organismo, que se foi nos destroços da ultima batalha—a fé nacional, politica, patriotica, humana, grandiosa, que todos empenhámos n'aquelle grito sincero e grande e que parece voltar á nossa alma, onde germinou, nasceu, creou-se e se fez forte, coberta de lucto de seus filhos, que cahiram n'aquella fria manhã, sobre as calçadas do Porto, mas cheia de luz, cheia de gloria, apontando a salvação e ensinando o caminho do dever!

Não. Fraquejem os corações embora, a idéa não morrerá. Lavada em sangue generoso, mais bella ascende em nossas aspirações. A sociedade portugueza agonisa. Nova vida, novos ideaes, novos principios vão surgir.

N'essa epoca forte e luminosa, em que a Patria resurgirá das cinzas da catastrophe monarchica, mais heroica, mais sagrada do que nunca, a Republica Portugueza terá o seu segundo dia. O primeiro não. Esse brilhou na cidade do Porto, ha quatro annos, no dia 31 de Janeiro!

Lisboa.
17 | 1 | 95.

Mayer Garção.

TRAIDORES!...

FAZ hoje quatro annos que se bateram gloriosamente no Porto em defeza da Patria abatida e vilipendiada um punhado de bravos, uma phalange de patriotas invictos.

Trahidos e vencidos; não deixam, comtudo, de merecer pelo seu denodo, valentia e coragem o cognome de heroes de 31 de Janeiro de 1891; é esta uma data tão memoravel que jámais será apagada dos corações de leaes democratas e das paginas da Historia Nacional.

Quatro annos são passados depois d'essa heroica tentativa de libertação, sem que os nossos correligionarios pensassem a fundo no meio definitivo de chamar á patria aquelles que no exilio ainda soffrem a crueldade do vencedor.

Nada se tem feito, nada parece fazer-se para a implantação da Republica.

O compromisso tomado perante essa oligarchia victoriosa, esqueceu; riscou-se da memoria dos que a tomaram, com a mesma facilidade com que o vento dissipa enormes columnas de fumo.

A' tempestade succedeu a calmaria; á tormenta seguiu-se a bonança; ao escarceu o repouso; e os exilados continuam soffrendo, longe de nós, a nostalgia da patria que os acclama.

Esse esquecimento será marasmo da cobardia?

Quando se recebem em plena fáce os mais crueis insultos d'uma oligarchia bacchante; quando se assiste impassivel ao desmoronar de todas as liberdades e se apresenta com humilhação a fronte para receber d'uma instituição decomposta o estigma da escravidão, a possibilidade da atonia desapparece para se evidenciar em toda a sua hediondez a maxima torpeza dos cobardes.

Reina a cobardia no paiz; uma sociedade marasmatica afunda-se em ondas de lama!

Ha, porém, uma phalange que ao longe se desenha e parece marchar a passo apressado para collocar uma barreira definitiva entre o passado e o futuro.

Essa phalange não afivela a mascara do possibilismo, nem das colligações indecorosas.

Dirige-se franca e decididamente para a lucta, e é composta de intemeratos republicanos.

Essa phalange é o Partido Republicano Radical, que arvorando a bandeira da pura democracia restituirá á patria os exilado do 31 de Janeiro e concluirá a sua obra.

Lisboa.

Pedro Grillo.

VERDADES

ANTES de terminada a lucta e quando as probabilidades da vencida eram para os revoltosos, o movimento de 31 de Janeiro merecia elogios e chamava-se *revolução*...

Esmoreceu o tiroteio, calaram-se os canhões, cavou-se a valla para receber os despojos dos martyres e tudo mudou: o enthusiasmo fez-se cobardia, o louvor desceu a vituperio, e o 31 de Janeiro já não era *uma revolução*, mas apenas *um pronunciamento*, *uma revolta de caserna*—classificações de desdem vomitadas por boccas ainda contrahidas de medo, boccas de hypocritas, almas de lôdo.

.....

Era em Coimbra, na manhã de 31 de Janeiro de 1891: o movimento nas ruas era desusado, era de impaciencia e pasmo; as noticias cruzavam-se contradictorias, animantes ou desoladoras; a opinião tinha fluxos e refluxos de enthusiasmo.

Um lente da Universidade, um doutor em *philosophia*, monarchico e carola, encontra um estudante e abraça-o, dizendo-lhe: ainda bem que prevaleceu a justiça, viva a republica!

N'esse mesmo dia, de tarde, o sapientissimo doutor passou pelo academico, com ares cathedraticos e desdenhosos de quem o desconhecia...

E comtudo o lente rompera as relações com o discipulo, mesmo antes da revolução de Janeiro, pelo simples motivo d'este ser e dizer-se republicano.

*

São estas as scenas que resultam da lucta entre os invalidos da rotina e os paladinos do progresso.

Gloria para estes e maldição para aquelles.

Conselheiro de Freitas.

31 DE JANEIRO

JÁ LÁ VÃO quatro annos! São como quatro seculos, no nosso meio atrophiado pela oppressão, pelo soffrimento, em que temos sempre patente a lembrança de uma reivindicação nacional, esperança no dia de ámanhã.

Passa o dia e esquecerão os homens, e esquecerá a causa?

Esquecerão os martyres, aquelles que na terra sagrada repousam no ultimo somno, por sacrificio de um ideal de Justiça e de Virtude?

Esquecerão os que no exilio, no degredo, soffrem, ainda hoje, pela sua temeridade em favor da Patria?

Não, ninguem esquece; este dia não póde esquecer, os mortos lembrarão eternamente porque são a semente germinadora do sentimento revolucionario do povo portuguez; os exilados não esquecem tambem, assim como o unico que se conserva no degredo, ao qual, não posso deixar de n'este dia lhe enviar um abraço fraternal de amigo e sobre tudo de correligionario.

Todos lembram, e é para esses que, luctando, colheremos todos o myrtho das saudades e todos os louros da victoria.

N'este dia estamos de lucto, como o está a Patria.

Descubramo-nos em nome do nosso partido, em nome da Patria, e ajoelhemos deante da sepultura dos mortos.

Ámanhã talvez o alento que alli vamos ganhar nos incite e nos anime a mais alguma coisa...

Janeiro—1895.

Bernardo Ramos.

31 de Janeiro

DESCENDENTE d'uma familia que soffreu e luctou pela causa da Liberdade, educado no seio da academia moderna de que conservo os sentimentos generosos, eu considero-me no stricto dever de tributar a minha humilde homenagem aos heroes d'este dia.

Commemorar esta data, é glorificar os martyres da idêa de regeneração da Patria pela Republica e remmemorar a lucta iniciada para a consecução d'aquelle ideal salvador.

—Não é de perfumes o bouquet que a minha alma deposita sobre a campa d'aquelles que as balas roubaram á vida. Eu idialiso na pyrotechnia das grandes convulsões sociaes as petalas metalicas e o pollen penetrante que devem constituir o trophéo que a posteridade lhes deve, tornando-lhes perduravel a sua memoria veneranda.

—Aos desterrados, envio hoje as minhas felicitações por se acharem longe d'um meio politico eminentemente nauseabundo, onde fluctuam em activa putrefacção o brio, a dignidade, a honra, a virtude, a justiça e o dever, á mercê d'um egoismo cynico e depravado.

—Aos apostolos da Liberdade, da Egualdade e da Fraternidade, lembrarei hoje os factos politicos da actualidade como armas que nos fornece a monarchia para o incitamento de maiores energias.

Aproveitemos todos os elementos que a monarchia nos offerece e nega para que a aurora da moralidade e do nosso bem estar social santifique este dia nas paginas da historia Patria.

Prado.

Gaspar Macedo.

?

PORTUGAL fôra agrilhoado ao poste da infamia pelas mãos ignobeis d'um bando a quem confiara a guarda da sua honra, o deposito sagrado do seu thesouro composto de grandes heroismos sem macula.

Assim privados dos movimentos pela guarda do seu decôro e dos seus haveres, alluvião de bandidos cahiu sobre elle como aves de rapina sinistras e insaciaveis.

Cada bandido lhe arrancava o que podia, emquanto o guarda vil cuspia na fronte da sua victima alluvião de sarcasmos.

Tempo durou esse martyrio d'um paiz honrado, até que bandidos e guarda dando-se as mãos para sacrilegio mais infamante, lhe lançaram á cára o pús do *ultimatum*.

O corpo alquebrado por féros ataques de vilipendio foi convulsionado pelo pêso da affronta. Reagiu e conseguiu quebrar um ello da cadeia que o ligava ao poste da sua desdita. Produziu—**O 31 de Janeiro**, um arrebol que sem precipitações podia sêr uma alvorada.

Prêzo novamente, elle ahi está servindo d'alvo impassivel ao escarneo das nações!

O guarda, que elle suppôz durante seculos amigo da luz, é agente das trevas; o *philantropo* tornou-se carrasco.

Não ha virtude que supporte similhante infamia, menos que novos legionarios d'um 31 de janeiro appareçam.

Haverá os legionarios?

Surgirá em breve o 31 de janeiro?

Eis a pergunta.

E a resposta?

Lisboa.

Antonio Guedes.

A REVOLUÇÃO DE JANEIRO

Não havia decoro, nem auctoridade. A legitimidade do poder cedera ao arbitrio. O concurso da vontade nacional fôra substituido pela dictadura inconsciente. O despotismo e a ignorancia eram as unicas forças em movimento.

O dia quinze de novembro, que retalhara, para sempre, no Brazil a investidura imperial, era uma ameaça e um estimulo. O coração e a intelligencia do Norte pertenciam ao *acontecimento*.

Eram as licções da Historia que exigiam um esforço, que reclamavam a ventura de se morrer pela Patria. Os nossos irmãos americanos ensinaram-nos o caminho da emancipação.

O inglez, com a sua politica de extorsão, rememora-nos todo o passado historico da dymnastia, presa estultamente ao estomago voraz da diplomacia da City.

O portuguez do Norte via a Africa retalhada, e a saque pela fiel amiga da casa de Bragança; que o thesouro, sem as violencias da peste ou da guerra, estava exhausto e sem credito; que a metropole e as colonias estavam á mercê de qualquer salteador estrangeiro de biblia em punho e de espingarda ao hombro; que as repartições publicas, pejadas de bons e maus empregados, davam tristes espectaculos de desolação moral; que a lei fundamental era uma mystificação, o parlamento um tablado indecoroso, os partidos monarchicos, todos, todos, bandos inconscientes, sem luzes governativas, e sem escrupulos...

Foi n'esta situação geral que a Revolução rebentou, sem dinheiro, e sem um plano fortemente preconcebido. Era necessaria, e isso bastava para a suppôrem fecunda: era uma irrupção, um direito, que podia conquistar um desenvolvimento moral, até ali, impossivel.

A Revolução de 31 de Janeiro, consciente como todos os acontecimentos historicos dos tempos modernos, saía do cahos geral, hoje muito mais accentuado, para vingar os soffrimentos que não viam remediar nos meios legaes já esgotados. Como as grandes Revoluções, —Ella tinha por principio fundar uma ordem politica nova: proclamar a Republica.

Authenticavam a Revolução — motivos tão legitimos como os que desthronaram Carlos I, e aquelles que fundaram a monarchia constitucional de Guilherme III.

Rasões mais poderosas não as pode invocar a Historia em favor das Revoluções norte americana de 1774, francesa de 1789, italiana de 1855 a 1860; e allemã de 1866.

*

Mas, o 31 de janeiro não vingou. Era tal a santidade dos seus intuitos que o *desastre* salvou-a futura Republica. E' que então *pactuava-se* com todo o escumalho que vituperou as boas intenções republicanas. A crise aguda, que, formidavel, se despenhou sobre toda a economia da nação, — seria lançada á conta dos *peccados* da Democracia. O burguez, que havia contribuido para os desvarios do constitucionalismo, bolsaria blasphemias contra a nova ordem de cousas.

O povo, que não comprehendia bem a engrenagem dos phenomenos sociaes, — rosnaria dislates ao vêr as derrocadas, geradas pelos crimes e pela inepcia dos governos monarchicos, — succeder novo regimen. E um vasto plano de reformas e providencias, tendente a assegurar o fiel cumprimento das leis,—não passaria deante da obstinação acintosa e dos aleives— d'aquelles que, mais tarde ou mais cêdo, pagarão, com usura, todas as torpêsas governativas, a inconsideração dos seus actos, e os ultrages á dignidade da Nação.

*

Politicos de varias castas insinuaram por vezes que o partido republicano não tinha gente! No dia em que a Republica fôr um facto, no dia em que a aspiração se converter em realidade,—sobejarão os homens para servir o paiz.

A grande tarefa consistirá n'uma selecção impeccavel, n'uma intuição clara e justa dos elementos que convem aproveitar. Se a frandulagem assustadiça ou os idiotas de todos os grupos *crêm* na pobreza intellectual do partido republicano — enganam-se. O paiz está fatigado dos *grandes* espiritos que o arruinaram,

A *alta* mentalidade, apregoada á basbaquice da credula populaça, —já não tem cotação entre as aspirações nacionaes. Tribunas, economistas, financeiros e estadistas, todos apodreceram ao deslisar pelo lobrego podêr. A lei, a rasão humana das cousas, foi sempre incomprehendida por elles.

Nunca attingiram a real comprehensão do Estado Politico e do Estado Civil; por isso desperdiçaram, loucamente, as forças da nação e a vontade dos cidadãos. E então minguarão os homens entre o verdadeiro partido republicano? e será mister recrutal-os nas fileiras em que predominaram a insensatez, a veniaga, a indisciplina, a deshonra, a carencia dos conhecimentos da governação publica, o receio da virtude do principe e a esperança nos seus vicios? Nunca?

Os patriotas que restituirem a liberdade e a justiça a Portugal — saberão, em tudo, cumprir com o seu dever...

São passados quatro annos e a Republica é ainda uma aspiração! O caminho ficou desbravado em 31 de janeiro de 1891. Então, homens quasi desconhecidos fizeram uma Revolução com elementos que bastavam para sepultar vinte monarchias caducas, como a fundada por D. Henrique o *conquistador*!

Mas o exemplo não foi seguido!

Vieram os protestos legaes, e os pactos frandulentes com politicos relapsos. O expediente foi mais consentaneo com a tranquilidade das familias, e com a boa fé das multidões...O embuste tem empanado os patrioticos desejos. A transigencia vae medrando com a desculpa...Mas tempo virá em que todos os saltimbancos cairão mortalmente entre os apupos da opinião esclarecida e revoltada; e em que o 31 de janeiro será a era precursora, a epocha de ingentes sacrificios, que illuminando o futuro, creará a Republica Portugueza, firmados na tolerancia e na virtude politica de todos os cidadãos.

António Claro.

CONFRONTAÇÕES

(Im de V. Hugo)

Cadaveres dizei! quem foi que vos matou,
E quem estes punhaes no peito vos cravou?
Tu, ó virgem que vaes na sombra escurecer,
Quem és?—Religião—Quem te fez morrer?
—Os biltres.—E quem sois vós, ó virgens do athaúde?
—Nós somos o Pudor, a Rasão e a Virtude.
E quem vos degolou—A Inveja.—Tu desgraçada
Quem és?—Sou a Fé publica.—E essa punhalada?
—Vibrou-m'a a Injuria.—E tu que dormes tinta em sangue?—
—Chamava-me Justiça. E quem te poz exangue?
—O juiz que enlameiou meu solio de rainha.—
E tu gigante sem espada na bainha,
E a quem a lama extingue a auréola inflamada?
—Eu sou Portugal—Quem te matou?— A Guarda.

M. d'Oliveira.

«31 de Janeiro»

É HOJE o dia em que todos os portuguezes — *aquelles mesmos que se obstinam em seguir o caminho fatal que deve levar o paiz á perdição*—devem prestar homenagem ás victimas, que no glorioso dia «31 de Janeiro», pereceram sob a fuzilaria dos defensores da tyrannia n'um momento em que cheios de patriotismo e boa vontade queriam destruir o poder dos reis e dos aristocratas, para implantar a *Republica*, essa forma de governo que desde os tempos de Passos Manuel e outros tantos heroes defensores da Liberdade deveria estar implantada, para bem d'um paiz que foi *Grande e Senhor* e hoje é **Escravo** e pobre!

Deante d'esse sagrado pantheon, onde repousam as victimas do absolutismo, mascarado com a careta do constitucionalismo, deverão curvar-se todos os republicanos e jurar seguir o caminho que elles lhe abriram, pondo acima de tudo inimisades indignas de quem apregôa a «Fraternidade», como uma das divisas do estandarte da *Democracia*.

Temos deveres imperiosos a cumprir, e, sendo decorridos quatro annos, depois que se encheram as vallas dos cemiterios, as prisões do continente, as possessões de Africa e as terras do estrangeiro de *martyres* d'essa malograda jornada, ainda se não pensou em que todas essas victimas estão aguardando com desespero a hora em que possam mostrar a el-rei e a todos os pretorianos, que o rodeiam, que Portugal é um paiz livre e o povo portuguez tem brio e dignidade!.....

E' necessario, pois, que os chefes dêem a *ultima palavra*.

E' indispensavel que se atirem com preconceitos *para longe*, e se mostre o rosto tal qual o deve fazer todo o homem serio e digno.

Não mais intrigas, nem *mascaradas*... a guerra franca *ou desleal*, mas a guerra declarada e sem tregoas a esses monarchistas, que desde longa data nos veem deshonrando, é o que perante a sepultura onde repousam os restos dos nossos queridos irmãos devemos jurar; do contrario *gente nova*, e que o paiz siga o caminho que o «Partido Radical», ultimamente organisado no Porto, lhe aponta, *tendo o cuidado*, em o não entregar em mãos de quem o conduza á inercia em que desde «31 de Janeiro de 1891», tem estado o velho partido Republicano Portuguez.

Avante, pois! e se hoje temos de nos distrair para, como nos cumpre, render homenagem aos que morreram pela conquista da *Liberdade Egualdade e Fraternidade*; que amanhã nos não olvidemos *novamente* de que Portugal **AGONISA** e as ossadas dos nossos queridos irmãos merecem respeito e pedem **VINGANÇA.**

31 de Janeiro de 1895.

Carlos Ferrar.

A REVOLUÇÃO de 31 de Janeiro foi o exordio do monumental discurso que o povo portuguez ha-de recitar a essa corja, que procura afundar-nos no tremedal ignominioso do descredito e da deshonra, e em que havemos de advogar os nossos direitos e pugnar pela nossa liberdade.

A *biltragem* assoa-se, tosse e sorri, porque espera *fiasco*.

Aguardem, porém, a *narração* e *peroração*, que hão-de ser eloquentissimos e terriveis.

Braga.

A. Lisboa

E' bom não esquecer

QUE em 31 de Janeiro de 1891 um punhado de homens de coração se revoltaram contra o existente.

A Patria agonisava.

A Patria pedia um sacrificio aos seus filhos mais queridos; e esses foram as victimas da sua dedicação.

Os outros, os fingidos, que se diziam já nossos correligionarios, nossos companheiros e que estiveram comnosco até á hora em que a noticia nos chegou da nossa desgraça, esses fugiram e voltaram ao campo monarchico, hoje são os nossos maiores inimigos.

E nós, soldados dedicados, cá esperamos de correame posto, pela grande formatura d'um proximo dia.

A patrona, essa está cheia das seguintes cargas:

Viva a Patria!
Viva a Liberdade!

Vianna 29 de janeiro, 95.

Antunes Vianna.

VISÃO

N'UMA cidade do norte, d'este *«jardim da Europa á beira mar plantado»* vejo gravado em lettras d'ouro, n'um dos mais formosos recintos, o seguinte letreiro:

«PRAÇA DA REPUBLICA»— e sob o edificio dos Paços do concelho tremula a flamula bicolor, ideal d'um punhado de crentes, dispostos ao sacrificio da propria existencia, em prol da sacrosanta causa que os ha de tornar heroes.

O sol nascente doura, com esses formosos raios, as grimpas das torres que se levantam d'esse imporio do commercio e da industria, e sauda o dia 31 de Janeiro de 1891, ao mesmo tempo que mostra aos filhos da liberdade o caminho a seguir na conquista das regalias populares. E elles lá seguem cheios de enthusiasmo e crença, coragem e valor, em demanda d'um logar nas paginas da historia, e um altar no coração de seus irmãos opprimidos, que é o altar da patria, tão escarnecida e vilipendiada quanto outr'ora foi respeitada e temida.

A's acclamações do triumpho, porém, surge o troar do canhão e as detonações das espingardas pagas á custa do suor d'aquelle povo! E' a traição que se alapardou em peitos vis, em corações de lama.....

E o formosissimo sol esconde a dourada fronte em espesso veu de nuvens para não presenciar a hecatombe horrivel!

As guardas pretorianas são os carrascos d'este formosissimo ideal, os assassinos d'um punhado de heroes que, se não conquistaram os louros d'uma victoria, tem um altar no coração de todos os verdadeiros portuguezes.

.....

.....

Dia 31 de Janeiro de 1891—salvè!

Cidade do Porto, eu te saudo, porque és o berço da liberdade, e em cada rua, a dentro de teus muros, vejo em espirito, um de teus mais dilectos defensores, ao mesmo tempo defensor das liberdades populares!

Cidade invicta, não deixes que a sombra d'um re...ceio te empane a gloria de seres o baluarte da liberdade. Caminha sempre na conquista de teus fóros, porque comtigo irão aquelles que, como eu, lhes corre nas veias o sangue de teus heroes nas luctas gloriosas da liberdade.

C. Braga.

31 DE JANEIRO

AS REVOLUÇÕES obedecem sempre a um principio de ordem moral ou principio de ordem material.

A revolução de Janeiro, foi, como não podia deixar de ser, das que obedecem ao primeiro d'aquelles principios. Determinou-a a necessidade imprescindivel de mudança, n'esta nação portugueza, d'instituições velhas e gastas, por outras que trouxessem a Portugal dias mais prosperos e felizes.

A nação protestava contra o aviltamento a que os nossos homens publicos a tinham levado; a Patria, enxovalhada e escarnecida, reclamava dos seus filhos um esforço poderoso que a reabilitasse.

Um punhado de homens, verdadeiros patriotas, perdendo o amor á vida, reclamaram para si a gloria de defender a Patria, do abutre estrangeiro e da immoralidade no interior.

Esses homens, fizeram a revolução de Janeiro.

Se tivessem vencido, a Patria agradecida saberia, como boa Mãe, recompensar os seus serviços.

Ficaram vencidos; e como glorificação tiveram as balas do inimigo, a prisão, o exilio...

Um dia ainda, terão o reconhecimento da Patria os homens de 31 de Janeiro.

Braga.

Simões d'Almeida.

A Revolução de Janeiro

O DIA de hoje é para nós, os republicanos, o mais memoravel da nossa historia.

Envolve-se n'este momento em pezados crespes a bandeira gloriosa da democracia portugueza.

Quatro annos são passados por sobre as cinzas d'esse punhado de heroes, que tentou oppor-se com as armas na mão aos desvarios dos governos da monarchia. Foram vencidos, mas deixaram iniciada a **grande obra do futuro.**

*
* *

A verdadeira commemoração do acto revolucionario de 31 de Janeiro, disse-nos ha dias um dos seus mais denodados capitães que ainda permanece no exilio, «*seria repetil-o com mais exito* mas emquanto isso se não faz alimentemos o enthusiasmo de quantos commungam na convicção de que só por um movimento de energia se poderá sahir do estado calamitoso a que tudo chegou».

.....

«Felizmente ainda se não extinguiram de todo as energias fecundas; ainda existem patriotas desinteressados que não trocam os interesses do seu paiz pelos gosos do egoismo pessoal. **E' com elementos sem macula que devemos contar para o movimento decisivo».**

Sim, tambem eu assim creio. Que se affastem de nós, os elementos podres e maculados, que estão com um pé na monarchia, e outro na Republica. Esses lazaros sociaes, que por aqui abundam em grande numero, não os desejamos, nem os queremos no nosso seio, porque se hoje estão com a monarchia por egoismo pessoal, amanhã estarão com a Republica para a deshonrarem.

Ribeiro Pereira.

Aos mortos do 31 de Janeiro de 1891

Sobre vossas campas, venho hoje depôr uma lagrima e uma flôr.

Uma lagrima de saudade, e uma flôr de esperança.

Se a vóz d'um antigo companheiro d'armas podesse chegar ao vosso tumulo, pedir-vos-hia para supplicardes aos actuaes dirigentes do Partido Republicano que vos vingassem.

Sim, que vos pagassem aquella divida sagrada que ha quatro annos foi contrahida. Que sem pêrda de tempo e com lealdade e abnegação, que a todos os bons republicanos deve acompanhar, fizessem o seguinte:

1.º Que desde já fossem nomeadas commissões de 3 ou 4 membros, para em missões irem a cada um dos districtos organisar o partido para em breve espaço se poder realisar o congresso republicano, com elementos de todo o paiz.

2.º Realisação d'um congresso onde fossem nomeados os delegados de todos os concelhos e onde se discutisse o programma do partido.

3.º Fazer distribuir um manifesto-programma do partido, assignado, pelo menos, por oito ou dez individuos dos mais salientes de cada concelho.

4.º Que todos os trabalhos de organisação estivessem concluidos até 1 de maio do corrente anno e que por essa occasião fosse distribuido o manifesto-programma.

Se assim o entenderem não percam tempo, porque a continuarem a trabalhar como até aqui, o paiz não os póde tomar a sério.

Façam isto, que nem tanto custa.

Um pouco de sacrificio e de boa vontade srs. dirigentes!!

Disponham de seis ou oito dias e 15 ou 20 mil reis cada um para despezas de transportes e hospedagem, e verão que é o dinheiro mais bem empregado que teem gasto.

Lembrem-se que o paiz não é só Porto e Lisboa.

Mostrem ao paiz que querem mais alguma coisa do que comicios.

Não estejam todos os dias a prégar que isto vai mal, sem ao menos indicarem o remedio para o combater.

Mostrem que dentro do partido republicano ha homens para bem desempenhar todos os cargos da governança publica.

Deixem-se de rethoricas, que já tem custado muito ao paiz.

Sejam mais praticos e menos palavrosos.

Obras, obras, meus srs., que o paiz já não póde esperar muito.

E' preciso que os espiões de papelão e os decretos fanfarrões os não assustem.

Nada receiem.

Sejam sinceros que o paiz estará com os srs.

Um bocado de audacia e um bocado de prudencia, que farão o resto...

Parece-me que é isto o que se deve fazer.

Um soldado do 31.

A REVOLUÇÃO

Eu não amo os heroes!...Não me embriaga a gloria
Dos guerreiros clarins, com seu guerreiro berrol
Mas ha datas fataes, cataclypticas na historia.
-Urge matar com ferro em epocas de ferro!

Lisboa.

Gomes Leal.

AINDA NÃO É TARDE...

As cinzas dos heroicos combatentes da data gloriosa de 31 de janeiro clamam pela revindicta, e ella ha-de vir.

Todos nós, crentes n'uma aurora deslumbrante que dissipe as trevas da Infamia e da Cobardia, todos reverenciaremos esses martyres sublimes d'um ideal de paz e d'amor e juremos solemnemente nas campas frias de tantos peitos ardentes e enthusiasticos, que o legado que nos deixaram no seu sangrento espolio, é e será sempre para nós o rubro clamar da vingança!

Luctemos sempre e com a mesma coragem pelo verbo transcendente da Democracia!

Os martyres da nossa causa dormem o somno eterno; honremos-lhes as cinzas, pugnemos sem quebrantamento pela nossa causa que é a nossa divisa. Triumphamos? Vimos o sol da nossa querida patria pôr reverberos de luz nos trophéos da nossa gloria? Teremos o suavissimo galardão dos nossos trabalhos. Morremos? Somos sacrificados pela nossa temeridade e pela nossa abnegação aos grilhões do despotismo e da Infamia?

Embora; teremos a satisfação consoladora de termos cumprido o nosso dever.

Guimarães.

Pereira Leite.

DATA MEMORAVEL

Haverá algum portugez amante da patria, algum republicano ou revolucionario sincero, que não tenha bem recordada na memoria a data de 31 de Janeiro de 1891?

Não, porque seria um ingrato.

Se fosse possivel fazer resuscitar os martyres d'essa lucta, como elles desejariam morrer de novo, por verem baldados os seus esforços, escarnecido o seu idéal, passados apenas quatro annos, que parecem quatro seculos, para os crentes e os opprimidos!

Quatro annos de vergonha são volvidos depois que esse punhado de valentes patriotas sacrificou a vida em demanda da Justiça, da Moral e da Instrucção, que só nos pode dar outra fórma politica, a Republica.

Revolucionarios sinceros, republicanos denodados, deveis secundar o esforço d'esses valentes, porque só assim triumphará a sagrada causa da Patria e da Democracia.

Tenhamos coragem de ser martyres e ficará tudo feito a breve trecho.

Um radical.

M. C. Vieira.

Recordemos

A data memoravel que hoje recordamos é egual á dos povos francezes, recordada annos depois do seu 1789.

A França mostrou quatro annos depois do seu baptismo de sangue, que seus filhos tinham coragem e valor... Mostremos nós, tambem, que... somos da raça latina, irmãos em dedicações e heroismos.

Carneiro Braga.

31 de Janeiro

(EXCERPTO)

.....

Illuminados pelo clarão do tiroteio os bravos viam no futuro, por entre o espesso nevoeiro de polvora, as faiscantes irradiações d'uma virgem auréolada de luz que desfraldava ao vento uma bandeira bicolor, onde se lia em constellações diamantinas a legenda — *Avante pela Republica, avante pela salvação patriotica.*

E na lucta tempestuosa que se desencadeou da liberdade contra o despotismo, lucta de bravos contra cobardes, triumphou, como necessariamente havia de acontecer, o direito da força e não o direito do eterno martyr—o povo.

No campo dos bravos houve martyres; no campo dos vendidos houve cobardes.

Os martyres foram bater á porta dos cemiterios; os cobardes foram bater á porta dos bordeis.

Os bravos foram para o exilio, com o rosto vergastado pelas lagrimas, amortalhar-se no sudario da nostalgia; os vendidos foram para a taberna, manifestando no rosto a inspiração dos instinctos bestiaes, e envergando o manto avinhado dos prazeres devassos, atascar-se lubricamente na lama das orgias.

Para os primeiros ficou o kalendario dos martyres da humanidade, para os segundos o nojo que se tem ás emanações pestiferas d'uma sentina.

M. d'Oliveira.

Salvé! heroes!

São passados quatro annos desde que Portugal mostrou na revolução de 31 de Janeiro ter filhos que sabiam protestar com as armas na mão contra a horrenda tyrannia.

Os vencidos escreveram em lettras de ouro uma pagina brilhante na nossa historia; os vencedores escreveram com lôdo uma pagina vergonhosa.

Vós, martyres do 31, sereis vingados e o sudario que envolve os vossos cadaveres será a nossa resurgente aurora.

Salvé! vencidos do 31 de Janeiro.

Bemdito seja o vosso santo amor de Patria.

J. Cesar de Vasconcellos.

Avante

Ha quatro annos que um punhado de convictos luctadores hasteou pela primeira vez em Portugal a sacrosancta bandeira da Democracia!

São, pois, passados quatro annos sem que nós tenhamos secundado o movimento então iniciado por aquelles bravos, dos quaes hoje vivem alguns longe da Patria, e outros jazem nos cemiterios do Porto!

Deixemos o marasmo que nos invade e caminhemos. E' necessario vingar os mortos e resgatar á Patria querida os seus filhos dispersos.

A'vante, pois.

Braga.

Joaquim Duarte.

Triste mez de Janeiro que comtigo trazes triste e dolorosa lembrança, um persagio fatidico!

O frio, o vento, a chuva, o fulgurar do relampago, o ribombar do trovão prenunciam, como já prenunciaram, alguma grande catastrophe...

Todo tu, ó aziago mez, fazes lembrar o memoravel dia 31 de Janeiro de 1891, em que um bando aguerrido d'audaciosos e intemeratos democratas ousaram hastear o pendão da Santa, da verdadeira Liberdade.

*

Acordei extremunhado!

Que foi?

Um relampago, um trovão que me faz lembrar o troar da artilheria contra os Paços do Concelho..

Recórdo, ainda primeiro, o dia 31.

—Breve vem, penso eu; e logo suppondo que fosse a artilheria troando novamente...

—A Ideia não morre com metralha!

Porto—1—95.

A. F. de Sousa Ramos.

Surge et ambula

Gloriosos martyres do 31 de Janeiro, valorosos e destemidos defensores da Patria agonisante, a quem as hostes monarchicas fizeram descer á maior das degradações e baixezas, o sangue por vós derramado no dia memoravel da reivindicação dos direitos populares será vingado.

O povo do Norte ainda não esqueceu que tem uma divida sacratissima a saldar: fazer respeitar as vossas cinzas e vingar o vosso sangue.

Um dia, que não vem longe tal é a corrupção que lavra nas camadas superiores, o colosso das revoluções minhótas, para fazer resurgir o velho Portugal ha-de descer ás cidades a infileirar-se nos batalhões de voluntarios que hão-de formar o grande e aguerrido exercito da Republica.

Oh! com que anciedade aguardo esse dia!

No meu cerebro germina a ideia da vingança justiceira, e no meu coração arraiga-se, cada vez mais, encendrado Odio aos defensores d'um throno prestes a desabar.

Bento d'Oliveira.

SECÇÃO UNICA

Dão-se alviçaras, na redacção d'«A Patria», a qualquer monarchico que venha indicar-nos o numero exacto de individuos, que commungam nas ideias republicanas.

Egualmente se pretende saber ao certo quantos monarchicos existiam na cidade dos arcebispos logo que se soube a noticia da manifestação no Porto, em 31 de Janeiro de 1891.

Como esta indicação é mais util ao partido republicano a gratificação será relativamente maior.

Braga.

Parallelos

O 31 de Janeiro é para nós, os republicanos, o 1817 do constitucionalismo.

Hoje, como então, commemoramos o facto historico, compungente é verdade, mas d'uma fecundidade politica e incontestavel.

Em 1817 tambem houve victimas do despotismo e entre ellas o glorificado Gomes Freire d'Andrade.

Assim como em 31 de Janeiro de 1891 os despotas de então, assim como os d'agora, apoz o seu nefando triumpho, sorriam ironicamente quando sectarios do bem, glorificaram os martyres do seu patriotismo.

No entanto, em 1820, o sarcasmo dos vendilhões da Patria, porque tambem então os havia, extinguiu-se-lhes, demonstrando a hediondez do seu espirito como se ha-de extinguir aos d'agora, talvez, n'uma épocha bem proxima.

Até lá...tripudiem á vontade.

Braga.

Henrique Martins.

Paris, 30 de Janeiro de 1895

A's 10 h. e 30 m. da manhã

A' REDACÇÃO D'«A PATRIA»

BRAGA

Agradeço as saudações recebidas e envio o meu applauso ao vosso acto de generosa solidariedade com as idéas, aspirações e responsabilidades dos que fizeram a primeira tentativa para implantar em Portugal as instituições republicanas, as mais conformes á rasão e favoraveis ao progresso popular, as unicas capazes de resolverem, sem profundos abalos, os grandes problemas sociaes que preoccupam a nossa época.

A verdadeira commemoração da revolução de 31 de Janeiro seria a sua repetição, com melhor exito, mas, emquanto não chega essa hora redemptora, aproveitem-se todos os meios, para infundir no espirito do povo a convicção de que, só por um movimento d'energia patriotica, será possivel arrancar Portugal do estado de degradação a que o reduziu a politica dos dynastas que o exploram a titulo de governal-o.

Alves da Veiga.

Redacção e administração—Rua de S. Marcos, 74—Braga.

Editor responsavel — JOAQUIM LOPES

Braga—Imprensa Gratidão—Rua de S. Marcos, 43